

O MOVIMENTO SEM TETO DA BAHIA: RECUPERANDO O CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR.

Tailane de Jesus Barbosa[1]
Mariana Silva dos Santos[2]
Rocio Castro Kustner [3]

Palavras-chave: Lideranças femininas; Gentrificação; Reocupação.

INTRODUÇÃO

Este trabalho buscou descrever a luta do Movimento Sem Teto da Bahia (MSTB) na reocupação do Centro Histórico de Salvador- BA (CHS). A pesquisa objetiva analisar como os sobrados do CHS que anteriormente foram ocupados pelos ex-escravizados estão sendo reocupados por pessoas pobres, negras ligadas ao MSTB que foram despejadas durante as várias reformas do lugar.

Esta pesquisa utilizou como procedimentos metodológicos, além da revisão bibliográfica sobre o tema, uma visita exploratória de trabalho de campo que contou com a colaboração de lideranças femininas deste movimento. A análise deste trabalho apoiou-se nos conceitos de gentrificação e reocupação das moradias por lideranças femininas do Movimento dos Sem-teto da Bahia (MSTB), surgido em 2003, como uma articulação social que historicamente atua pelo direito à cidade na luta por moradia digna (Miranda, 2008).

O Centro Histórico de Salvador-Ba está formado por um conjunto arquitetônico do período colonial, composto por igrejas, conventos, e casarões portugueses denominados sobrados

[1]Graduanda no curso de Geografia da UNEB campus V/Sto. Antônio de Jesus.
[2] Graduanda no curso de Geografia da UNEB campus V/Sto. Antônio de Jesus.
[3] Professora adjunta no curso de Geografia da UNEB campus V/Sto. Antônio de Jesus.

que foram construídos por mão de obra escravizada e habitados pela elite do período colonial A partir do século XIX, o CHS passou por uma modernização por causa do incremento do comércio e da abertura dos portos e a elite dividiu os sobrados em pavimentos elevados, inferiores e subsolos de acordo com a classe social, sendo o subsolo o primeiro local de habitação dos libertos e escravos de ganho (Uriarte, 2019) cujos descedentes permaneceram lá em sistema de cortiços até as reformas do século XX. Em 1984 o CHS foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), e em 1985 foi declarado Patrimônio de la Humanidade pela UNESCO.

Sendo que o território é essencialmente definido e delimitado pelas relações de poder (Souza, 1995), o MSTB, ao reocupar casarões abandonados nesse local, estabelece uma relação direta de poder sobre o espaço, transformando imóveis que não estão cumprindo sua função social em moradias para famílias em situação de vulnerabilidade.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Entre os anos 1993 e 1999, deu-se início a uma reforma radical no CHS, promovida pelo IPHAN e quarteirões inteiros foram esvaziados de sua população pobre e negra para serem reformados e transformado em lojas, restaurantes, museus e ateliês. Os cortiços foram esvaziados e como nos manifestou a liderança Maura em nossa visita de campo do 13/11/2024, “ali na barroquinha era a coisa mais linda de se ver, a rua do couro, as pessoas vendendo sementes, ervas, sapato de couro eles foram expulsos de uma forma tão violenta”; e, segundo a liderança Mira, “tem mais lugar para se morar, de que pessoas para habitar”, porque "eles querem a gentrificação o tempo todo". Dessa forma, que no CHS as famílias tradicionais sofrem com a segregação socioespacial como uma consequência do processo de gentrificação.

Podemos definir o fenômeno da gentrificação como

> conjunto de processos articulados pelo capital, e o Estado assume o papel de principal facilitador desse fenômeno. A gentrificação se apropria de espaços residenciais, comerciais, equipamentos e de outros usos da cidade, provoca transformações sociais de elitização das áreas centrais e deportação da população pobre. A política de gentrificação não incorpora a justiça social, o direito à moradia para a população pobre ou o direito à cidade para todos (Mourad, 2011, p. 11).

Perante esta problemática de gentrificação da população expulsa voltando como ambulantes, pedintes, e usuários de drogas, o MSTB começou a se organizar para reocupar os casarões reformados e esvaziados do CHS - “nós começamos a fazer ocupações aqui dos casarões devido os casarões estarem fechados, abandonados e nos começamos a entrar”, nos informou Maura. Também a liderança feminina do MSTB Mira esclareceu que “a gente luta por moradia, porque a moradia tornou-se mercadoria e como a gente não tem condições de bancar essa mercadoria o que nos resta é morar de aluguel, morar de favor ou ocupar o que de fato é nosso”. Porque historicamente sempre foi.

Como apontam Kustner e Santos (2006), a exclusão socio-espacial não se limita à esfera econômica, mas também se manifesta na falta de participação política. Embora o governo afirme que a reforma do CHS segue princípios de inclusão, os moradores sentem que suas vozes são silenciadas. Esse tipo de exclusão perpetua um ciclo de desigualdade, onde as

comunidades mais vulneráveis são as mais afetadas por decisões urbanísticas que priorizam a mercantilização do espaço urbano, em detrimento da qualidade de vida e do desenvolvimento social.

Na viagem de campo pudemos constatar o papel da liderança e o empoderamento feminino na luta por uma moradia digna do MSTB, já destacado em pesquisa de Uriarte (2019). As lideranças manifestaram que as vezes se sentem sozinhas na luta e reclamam da necessidade de mais jovens se envolverem. Elas enfrentam situações bem problemáticas em territórios onde existe tráfico de drogas – o que Uriarte denomina do “habitar coagido” em contraposição aos territórios livres em áreas onde não há tráfico – “habitat com dignidade”. A convivência comunitária é essencial, mas, no contexto de "habitar coagido", surgem condições de insegurança que comprometem o lazer e o bem-estar da população, enquanto que no "habitar com dignidade", os moradores podem disfrutar de bem-estar e conforto. Nessas condições, há uma boa relação com os vizinhos, moradias organizadas e limpas, e ocupações regidas por normas que promovem a convivência harmoniosa, como evitar incômodos aos outros moradores.

Também o contexto das ocupações é de constante insegurança devido a uma indeterminação permanente, já que a qualquer momento os moradores podem ser despejados e isso impossibilita a implementação de projetos, seja a curto ou longo prazo, contribuindo para a precariedade nas habitações (Uriarte, 2019). Por isso que Maura nos declarou que “eu me permaneci na luta e estou nela até hoje, porque o direito a moradia não ganhamos ainda, o processo continua aberto”.

Logo, podemos constatar que estas novas formas de habitar são, em parte, caracterizadas pela experiência rica da autogestão de lideranças femininas, levando moradores a avaliarem o seu habitar como digno. “Estar aqui há 18 anos é resistir, por isso no MSTB se lê: organizar, ocupar e resistir” (Maura,13/11/2024). Essa expressão reafirma o papel político da ocupação como também sintetiza a luta enquanto construção de novas formas de vida.

Dessa forma, o MSTB, como articulação que promove práticas sociais, benéficas a uma parcela significativa da população soteropolitana, em situação de vulnerabilidade socioeconômica, é de suma importância para a reocupação do centro urbano de Salvador-BA. É um movimento que consegue exercer Kustner e Santos (2006) analisam a participação cidadã definida por Kustner e Santos (2006): com uma visão de planejamento urbano inclusivo e democrático, onde a comunidade não é apenas consultada, mas efetivamente engajada em todas as fases do processo desde o diagnóstico de problemas até a formulação e execução de soluções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O CHS era um local, repleto de simbolismos e significados para os moradores, agora reflete os interesses de empreendedores nacionais e internacionais. A globalização impôs uma lógica de privatização que reconfigura os lugares como "não-lugares" (Oliveira, Marques e Silva, 2022). Conflitos emergem entre os habitantes, que lutam pela preservação de seus modos de vida, e os interesses econômicos, que priorizam a exploração do espaço para atender a um público hegemônico. Essa disputa evidencia a tensão entre o local e o global, a tradição e a modernidade, assim como o MSTB ao reocupar o Centro Histórico

experimentou o sentimento de um não-lugar que deveria ser um espaço de pertencimento e identificação.

Ao descrever a luta do Movimento Sem Teto e analisar a reocupação do Centro Histórico de Salvador pelo MSTB, retratamos não apenas a luta por moradia digna, mas também a resistência de povos que são marginalizados historicamente, diante os processos e exclusão urbana, gentrificação e apagamento simbólico. A atuação do MSTB é especialmente protagonizada por lideranças femininas que desafiam a lógica do processo de privatização e exclusão social e ressignificam os espaços abandonados e transformam em territórios de pertencimento e luta coletiva. A trajetória dessas ocupações evidencia que o direito à cidade vai além do acesso físico a moradia, mas trata de garantir visibilidade, voz e dignidade as pessoas que historicamente foram excluídos do processo da urbanização.

Concluindo com as palavras de Maura ao se despedir de a gente: “é muito importante que jovens negros estejam estudando geografia, falando sobre o direito da terra...porque historicamente tivemos uma falsa abolição onde não recebemos nem terra e nem semente que hoje seria propriedades e trabalhos”

REFERÊNCIAS

KUSTER, Rocio Castro; SANTOS, Ademir Sousa. Participação cidadã em torno do Dique de Campinas, SSA/BA? **Cadernos Metrópoles**: São Paulo. N, 15. 2006 p. 145-160. Disponível em: https://www.academia.edu/105356683/Participa%C3%A7%C3%A3o_cidad%C3%A3_em_torno_do_Dique_de_Campinas_SSA_BA. Acesso em: 15 abr. 2025

MIRANDA, Luiz Cezar dos Santos**. Vizinhos do (in)conformismo: O Movimento dos Sem-teto da Bahia entre a hegemonia e a contra-hegemonia.** UFBA: Salvador-Bahia, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/11353/1/Dissertacao%20Luiz%20Mirandaseg.pdf#:~:text=O%20movimento%20surge%20com%20grande%20capacidade%20de,povo%2C%20da%20m%C3%ADdia%20local%20e%20do%20Estado.&text=Assim%2C%20enquanto%20um%20campo%20tem%20uma%20posi%C3%A7%C3%A3o,afina%20com%20a%20ordem%20estabelecida%20(Campo%20B). Acesso em: 11 abr. 2025.

MOURAD, Laila Nazem. O processo de gentrificação do Centro Antigo de Salvador 2000 a 2010. Tese de doutorado **Faculdade de Arquitetura da UFBA – Biblioteca**. Salvador, 2011, p.7. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/30971/1/O%20PROCESSO%20DE%20GENTRIFICA%C3%87%C3%83O%20DO%20CENTRO%20ANTIGO%20DE%20SALVADOR-1.pdf. Acesso em: 15 abr. 2025

OLIVEIRA, D. G; MARQUES. I.S.; SILVA, B.S**.** A transformação das identidades Das populações tradicionais a partir do turismo de alto padrão da praia do Forte/ba. **Paisagens & Geografias 4.** Esp (2019). Disponível em: https://www.paisagensegeografias.revistas.ufcg.edu.br/index.php/A1p7D/article/view/.Acesso em: 15 abr. 2025

SOUZA, Marcelo Lopes De. **Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

URIARTE, Urpi Montoya. Habitar casarões ocupados no Centro Histórico de Salvador/Bahia: velhos cortiços e novas Experiências e direitos. **Caderno CRH**, Salvador, v. 32, n. 86, p. 383-393, 2019. Disponível em: http://dx.doi.org/10.9771/ccrh.v32i86.24654. 15 abr. 2025